

Memória do Imaginário

SECRETARIA DE CULTURA ABRE O II FESTIVAL DO FOLCLORE E ENFEITA A CIDADE COM MÚSICA, DANÇA, TEATRO E ARTESANATO

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO

Folclore (do inglês *folk* — povo, nação, raça, termo de origem teutônica — somado a *lore*: conhecimento) é uma palavra que anda em baixa. Com a explosão da cultura de massa, que agita impérios financeiros, apelar para a cultura de raiz — ou folclórica — resulta em atitude, no mínimo, folclórica. "Tinhonismo", dirão alguns. "Cascudismo", dirão outros.

E com razão. Afinal, José Ramos Tinhorão, um verdadeiro Dom Quixote em luta contra "os moínhos multinacionais", e o potiguar Luís da Câmara Cascudo (1898-1987) se ocuparam, como poucos e obsessivamente, em buscar nossas origens e raízes. Vem de Cascudo a mais usada e recorrente conceituação de folclore: "é preciso que a manifestação seja antiga na memória do povo, anônima em sua autoria, divulgada em seu conhecimento e persistente nos repertórios (orais) ou no hábito normal".

Como "omitir nomes próprios, localizações geográficas e datas fixadoras de episódios no tempo" — segundo ordem de Cascudo — num mundo dominado pela indústria do audiovisual, que divulga (e muitas vezes banaliza) imagens e sons em dimensão planetária.

Sem o purismo tinhorônico (ou cascudista), a Secretaria de Cultura e Esporte do DF manda ver com seu II Festival do Folclore, evento que se sedimenta no controvertido slogan "segure as raízes do povo na palma de sua mão". Tudo começa hoje, na Sala Villa-Lobos (com festa para 1300 convidados) e termina no domingo, depois de espalhar música, dança, teatro de bonecos e artesanato por shoppings, hotéis, feiras, praças, avenidas e escolas.

A festa da noite de hoje (20h30) mostrará desfile de representações folclóricas nacionais e internacionais, nos palcos da Villa-Lobos. Para completar o clima "Festa dos Estados" da noite inaugural, os convidados saborearão, depois da função, comidas e bebidas típicas do Brasil e de alguns países aqui representados. "As embaixadas", assegura Cecília Leite, 36 anos, assessora de Cooperação Internacional da SCE/FCDF, "estão dando a maior força ao Festival do Folclore". Força maior, enfatiza, "que a esperada por nós. Se soubéssemos que o entusiasmo seria tão grande, teríamos redimensionado a segunda edição do Festival".

Festa ampliada — O I Festival do Folclore, realizado ano passado, teve custo modesto (Cr\$ 3 milhões) e número de atrações idem. "Como era o primeiro", pondera Yara de Cunto, assessora de dança da SCE/FCDF e uma das organizadoras do evento, "nós lançamos a idéia convocando a prata-da-casa para responder pelas atrações. De convidados, só contamos com a Orquestra de Violeiros de Goiás e com o escritor Carmo Bernardes".

Este ano, porém, tudo vai ser diferente. É a entusiasmada Yara que garante. "O orçamento do Festival cresceu (Cr\$ 18 milhões), as atrações se multiplicaram e as embaixadas se empolgaram". Em síntese: "Foram além de nossas expectativas".

"Na abertura, hoje", avisa Cecília Leite, "contaremos com a participação de 53 embaixadas, que estarão no palco da Villa-Lobos com suas bandeiras, danças e cantos típicos. E, no final, com sua culinária".

Nem todas as embaixadas, porém, participam com a mesma grandiosidade. A chinesa, saiu na frente. Montou, no Naoum Hotel, Mini Festival do Folclore Chinês, com exibição de filmes, exposição de seu riquíssimo e milenar artesanato, e três noites de gastronomia. Os interessados pagarão Cr\$ 7 mil por noite e desfrutarão de todas as iguarias artísticas e culinárias disponíveis.



Filipinas, Israel, Noruega e Grécia também se dispuseram a dar contribuição substantiva ao Festival. Os filipinos vão dançar e oferecer iguarias culinárias. Os israelenses trarão, de São Paulo, os 30 integrantes da Sociedade Hebraica Paulista, que mostrarão danças folclóricas. A Noruega vai colaborar com a mesa culinária da festa de abertura e marcar presença no palco da Villa-Lobos. A Grécia mostrará danças do Grupo Cultural da Comunidade Helênica.

Brasil — Se ano passado só Goiás veio participar dos festejos do festival folclórico, este ano, a situação se modificou. Quem vem com tudo são a Paraíba e Pernambuco. A terra de Geraldo Vandré enviará o Grupo de

Danças Populares da Universidade Federal, que vai mostrar, xaxado, xote e baião. Da terra de Luiz Gonzaga virão os integrantes da Banda de Pifanos de Caruaru (que não vem a Brasília desde os saudosos tempos *funar-teanos*, quando Hermínio Bello de Carvalho dava as cartas).

Goiás, porém, continuará ativa no Festival de Folclore. Vai mandar a centenária Cooperação Musical 13 de Maio para tocar dobrados e marchas.

A maioria das atrações é, porém, brasileira. "Para cá", pondera Yara de Cunto, "migraram brasileiros de todas as partes que, direta ou indiretamente, viveram fatos folclóricos enquanto expressão cultural de vivên-

cia de ciclos de trabalho e litúrgico". Daí que "por todo o DF, pelo Entorno, pelas cidades goianas vizinhas, há fazeres do âmbito do folclore relativos a todas áreas de expressão".

Como soma de todos os Brasis, Brasília conta, através de colônias de migrantes, com centros que cultivam suas raízes. Dois, em particular, se destacam: a Casa do Ceará e a Estância do Planalto. Por isto, Ceará e Rio Grande do Sul são os estados (fora Paraíba, Pernambuco e Goiás) que mais contribuirão com o II Festival de Folclore.

A participação cearense se dará através do Museu de Artes e Tradições do Nordeste, que estará aberto a visitação na 910 Norte (das 9h00 a

11h00 e das 14h00 às 16h00). "O importante", diz Yara de Cunto, "é que, ao incluir visita a acervo desta natureza dentro do Festival de Folclore, estamos estimulando a cidade a conhecer projetos já existentes, mas que nem sempre merecem a atenção necessária".

A Estância do Planalto vai mostrar seu grupo de danças gaúchas (prenda minha, vanerão, xote, etc).

Planaltina e Brasília vão fazer presentes com seus grupos de catira. Sobradinho, com o Tambor de Crioulo e o Bumba Meu Boi, do Centro de Tradições Populares, comandado por Teodoro Freire.

Arte da Terra — No ParkShop-

ping, uma exposição — organizada com curadoria de Wagner Barja, 38 anos — reunirá 120 peças, entre pinturas, esculturas e artefatos.

Barja buscou o material da exposição em quatro acervos: o do MAB (Museu de Arte de Brasília), e os de Laís Aderne, Simão dos Santos e B. de Paiva.

"A parte mais substantiva", explica, "vem do acervo do MAB. Do colecionador Simão dos Santos, destaco um óleo de Chico da Silva, pintor da maior importância, que merece ser resgatado da banalização em que o envolveram. Ele foi premiado na Bienal de Veneza por seu talento. Não tem culpa pelo que se passou depois" (N.R. — A falsificação e proliferação de trabalhos do artista primitivo acabou por banalizá-lo).

Outro artista popular para quem Barja chama atenção é o pernambucano Bajado. Ele, Antônio Poteiro (grande artista e ceramista goiano) e Nilson Pimenta (com a obra *Auto-Estradas*) merecem olhares atentos. Mais os brasileiros Galeno e seu mestre, o artesão Seu Quincas.

Ao organizar a mostra, o curador Wagner Barja usou de todas as liberdades permitidas pelo tema *A Arte da Terra*. Daí que peças africanas, do acervo do MAB, são colocadas ao lado de trabalhos de Rubem Valentim, artista que buscou na África muitas de suas matrizes. Depois deste segmento, o visitante poderá se deparar com a arte *country* de Mississippi ou com peças de tribos Choco, da Colômbia. Ou ainda com esculturas de Chico Santeiro, de Samambaia; ou Seu Pedro, da Cidade Ocidental.

Paralelo à mostra, haverá Feira de Artesanato na Praça Central do Parkshopping. Lá, artesãos de várias satélites vão tecer e criar peças em fibras vegetais ou madeira. Todo o fruto de seus trabalhos (somado ao dos floristas do Planalto) estará à venda.

Ainda na área das exposições, o Festival do Folclore apresentará trabalhos de Jô de Oliveira, um artista gráfico e ilustrador formado no Leste Europeu, que nunca abriu mão de permanente pesquisa junto a fontes populares. Seus trabalhos estarão à mostra no mezzanino do Teatro Nacional.

A Funai participará do evento a seu modo, ou seja, com exposição que pergunta: *Cultura Indígena é Folclore?* A rica arte plumária e o artesanato dos índios estarão expostos (e à venda) na loja da Asa Norte.

Comidas típicas — Quem não participará da festa culinária da noite de hoje, não deve desanimar. Ao longo de todo o Festival do Folclore, a Praça da Cultura (no Setor de Diversões Sul) estará funcionando como espaço de uma Feira de Comidas Típicas e Artesanato. "Esta atividade", alerta Yara de Cunto, "faz parte do processo de revitalização do SDS, promovido pela FBT e empresários da área".

A América Andina participará do festival graças ao trabalho musical do grupo Llamas (veja box). No terreno das palestras, uma única — e boa — atração. O pesquisador e jornalista Assis Ângelo (colaborador do *Jornal de Brasília* e do *Pasquim*), responsável pela última entrevista de Geraldo Vandré, fará palestra, na sexta-feira, no foyer da Villa Lobos, sobre *Cultura Popular* e os *Meios de Comunicação*. Quem desejar autógrafo no livro que ele escreveu sobre Luiz Gonzaga, deve solicitá-lo, sem pejo. O paraiibano (radicado em São Paulo) gosta de um bom papo. Depois da palestra, a dupla caipira (que não entrou na onda do *breganejo*) Zé Mulato e Cassiano, apresentará recita de moda de viola.

□ **II FESTIVAL DO FOLCLORE** — De hoje a domingo, em vários espaços do Plano Piloto e cidades-satélites (acompanhe a programação diária no roteiro). Hoje: sessão inaugural na Sala Villa-Lobos, às 20h30, com participação de grupos folclóricos ligados a embaixadas. Para convidados.

Liquidificador de sons latinos

RODRIGO LEITÃO

A programação musical do II Festival do Folclore vai revelar ao público brasileiro uma formação experiente e competente na execução e arranjos de temas latinos, andinos e do folclore brasileiro. Juntos há quatro meses e ensaiando por todo esse tempo, os instrumentistas Roberto Carranza (flautas), Jorge Frederico (percussão), João Rita (charango, cuatro, violão e viola caipira) e Ricardo Soto (violão, charango e baixo), estarão hoje a tarde com o nome sugestivo de Llamas.

O Grupo Llamas é também uma concentração de influências latino-americanas, pela nacionalidade de seus integrantes, e traz na bagagem as passagens dos músicos por grupos como o Yma, Moxoto e Terra Viva. Roberto Carranza é argentino e, além da carreira em Buenos Aires, tocou no Brasil com o Mo-

xoto e Aruera — esse na linha do Elomar —, ambos em São Paulo. Em Brasília atuava no grupo *Círculo Inti*, interessante formação semi-erudita.

Jorge Frederico, gaúcho de Porto Alegre, está em Brasília desde 1978, mas já atuou com nomes importantes da música latina como Martin Coplas, Raul Quiroga, Daniel Torres e Elton Saldanha. "Também trabalho com danças gaúchas e pesquisas folclóricas", informa. João Rita explica que eles se conhecem há muito tempo, mas que só em abril deste ano resolveram trabalhar como grupo. Rita é ex-integrante do grupo Yma e já excursionou pelo Cone Sul (Argentina, Uruguai, Paraguai e Chile).

João Rita é de Campo Alegre, Goiás, e tem experiência também com choro e bossa-nova. "Acho que folclore é o bom aproveitamento das misturas", define rapidamente. Colega de João Rita no Yma, o chileno Ricardo Soto comple-



O grupo Llamas: hermanos

ta o quarteto Llamas. Soto é músico da banda de Elga Perez Laborde e líder da banda universitária *Nueva Canción Latinoamericana*.

Para uma estreia como banda, o Llamas já começou com agenda cheia. Hoje eles fazem duas apresentações. Uma no ParkShopping, às 18h00, e outra na Sala Villa-Lobos, às 21h00. Amanhã repetem o roteiro na Biblioteca Pública da EOS 312/313 e sexta-feira tocam no Alameda Shopping, em Taguatinga. Todos os shows têm entrada franca.

No repertório eles executam temas tradicionais da música latino-andina, os chamados clássicos, que são conhecidos — alguns — como folclore. Começando com o hit do gênero, *Volver a Los 17*, de Violeta Parra, eles prepararam o famoso *El Condor Pasa*, o popular chileno *Ojos Azules*, a venezuelana *Sabaneano* e um tema do grupo *Água Caliente*, gravado por Milton Nascimento.